

* Este texto é um dos capítulos do livro do autor, a ser editado pela Ed. Perspectiva em 2006 - *Sujeitos/objetos do moderno. Corpos, vozes e signos da transgressão*. Organização de Michel Peterson. Tradução de Ignacio Antonio Neis, Michel Peterson e Ricardo Iuri Canko

Narrativa de valores: os novos actantes da *Weltliteratur**

Wladimir Kryszinski

Para Luiz Costa Lima

No entanto, é difícil hoje eludir as questões concernentes ao global, ao total, ao sentido, portanto, como dizes, "ao mundo". Obstinadamente, alguns "neo" aplicam a categoria de "totalidade" aos fragmentos: ao social, à produção, à biologia, à linguagem, à realidade física ou histórica, ao mental. A única réplica seria, portanto, encarar ou acarar o "todo". Como? Por qual via? Em que caminho? Como sabes, "penso" mais na poesia, na música, no teatro, na arquitetura do que no pensamento de tipo filosófico, para retomar tua formulação, chegando a fazer uso de conceitos que partilham os da filosofia para "compreender" a poesia, a música, o teatro, sem, contudo, abandonar a lucidez dita razoável ou racional, sem sacrificar o saber ao saltar para a transcendência.

Kostas Axelos, *Entretien avec Henri Lefebvre*¹

¹ In: *Entretiens*. Paris: Fata Morgana, 1973. p. 72-73.

Uma olhada rápida e minimamente crítica sobre a questão deveria fazermos admitir que a literatura mundial, no sentido em que Goethe a entendia no início do século XIX, não pode ser hoje senão uma hipótese de trabalho, sem dúvida tentadora, mas a ser verificada com relação às teorias e aos

fatos literários que inexoravelmente se acumularam desde o momento em que Goethe a definiu em suas conversações com Eckermann. Todos os campos do saber tornaram-se consideravelmente complexos. O campo da literatura permanece não somente tributário das mutações epistemológicas, mas, por sua vez, se torna complexo na medida em que, mais do que nunca, a época contemporânea assistiu ao estilhaçamento dos grandes cânones e à multiplicação de novos fatos literários, sobretudo no espaço das literaturas pós-coloniais. Em vez de seguir o fio condutor da *Weltliteratur* e de sua existência problemática, proponho-me explorar a hipótese de sua probabilidade empírica e discursiva, investida de valores especificamente “mundiais”.

Tratarei, pois, de problematizá-la, sem, no entanto, exagerar quanto à sua possível fantomização. De antemão, deve-se interrogar o sentido ambiente de conceitos tais como “mundial” [*weltlich*], “humano” [*menschlich*] ou “nacional”. Não seria preciso admitir que esses conceitos se tornaram necessariamente metonímias ilusórias, metáforas ideologicamente conotadas? Voltemos um pouco para trás.

Quando Kant responde à questão “O que são as Luzes?” [*Was ist Aufklärung?*] e define as Luzes como “saída do homem para fora do estado de minoridade, em que ele se mantém por sua própria culpa”,² poder-se-ia ter a impressão de que o filósofo pensa a humanidade como *Ding an sich*, mais como númeno que como um fenômeno objetivamente descrito. Sem dúvida, Kant concebe a humanidade intencionalmente *in toto* enquanto cada indivíduo-*socius* da espécie humana e cada coletividade específica na escala planetária. Mas os argumentos de Kant em favor de sua definição das Luzes pecam pela generalização e pelo psicologismo. Assim são englobados na humanidade aqueles que se mantêm no estado de minoridade por sua própria culpa, por preguiça e frouxidão, e aqueles outros membros da espécie humana que sabem servir-se de seu entendimento por não serem preguiçosos. Para Kant, o problema da emancipação da humanidade é de vontade e de coragem (“*Sapere aude*”), ao passo que o poder de uns sobre outros, em particular o poder monárquico, é descrito por Kant como aquele que “reúne toda a vontade do povo” na do monarca.³ Quando Kant diz em latim “*Caesar non est supra grammaticos*”, está idealizando o comportamento do monarca no poder. A saída do homem do estado de minoridade pode ser impedida tanto por sua própria frouxidão quanto por seus interesses e pelos interditos do poder. Hoje podemos dizer: “*Stalin erat supra grammaticos*”. Sua autoridade não encontrava limite

² KANT, Emmanuel. Réponse à la question: Qu'est-ce que les Lumières? In: *Critique de la faculté de juger*. Trad. française de A. J.-L. Delamarre, J.-R. Ladmiral, M. B. de Launay, J.-M. Vaysse, L. Ferry & H. Wismann. Paris: Gallimard, 1985. p. 497. Col. Folio/Essais.

³ *Op. cit.*, p. 502-503.

na dos gramáticos ou dos sábios. A humanidade englobada por Kant a partir de Königsberg passa a ser uma espécie de ficção metafórico-ética e transforma-se em idéia pura, enquanto, na verdade, está dividida entre os que vigiam e os que são punidos. Parece-me evidente que, em Kant, noções como “cidadãos razoáveis do mundo” [*vernunftige Weltbürger*], no estudo *Idéia de uma História Mundial do Ponto de Vista Cosmopolita* [*Idee zu einer Allgemeinen Geschichte in Weltbürgerlicher Absicht*]), “bem comum” [*das Weltbeste*], “nossos governantes” [*unsere Weltregierer*] estão impregnadas de um idealismo que deforma o estado de coisas em que se encontra a humanidade.

No intuito de conceber hoje a literatura mundial em termos de estrutura coerente, de época, de sincronia, de patrimônio e de museu que vive e se renova sem parar, deve-se ligá-la à complexidade da realidade interumana que se desumanizou consideravelmente desde a celebração goethiana do cosmopolitismo, do qual a literatura mundial devia ser uma expressão sofisticada e panumana. A história evenemencial de nosso século destruiu sistematicamente os “valores humanistas”. Estes tornaram-se lembranças dos “bons velhos tempos”, na exata medida em que se evidencia cada vez mais que não há nenhum implícito entre a igualdade, a fraternidade e a liberdade. Depois dos cataclismas históricos que abalam o mundo, depois de Auschwitz, e depois do Vietnã e da Iugoslávia, será preciso promover a literatura mundial como uma espiritualidade superior, como uma superestrutura que abre caminho através de todas as negatividades do mundo? Ou será preciso pensá-la como uma outra idéia humanista de um humanismo atrasado? Em sua vertente problemática, a questão da *Weltliteratur* pode ser vista como uma das grandes metanarrativas da humanidade que Jean-François Lyotard identifica em *O Pós-Moderno*⁴ enquanto instâncias de legitimação da modernidade. Se a hipótese de uma mudança radical do paradigma moderno para pós-moderno tem de ser levada a sério, cumpre indagar-nos se a literatura mundial do final do século XX deve ser pós-moderna; portanto, se pode distanciar-se das grandes metanarrativas da humanidade fixa em sua modernidade? Na falta de respostas imediatas e transparentes a todas essas questões, prefiro buscar solução ao problema da *Weltliteratur* com uma simpatia cognitiva e sem pretensão alguma de esgotar o assunto.

Coloco então que a literatura mundial se funda em uma dialética do reconhecimento cuja complexidade implica um movimento de cinco actantes: o *local*, o *nacional*, o *marginal*, o *institucional* e o *universal*. São os

⁴ LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*. Trad. de Ricardo Corrêa Barbosa. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

suportes actanciais e semânticos de uma narrativa de valores que se desdobra na escala do planeta e que garante à literatura mundial suas formas e seus conteúdos.

Espera-se que os exemplos variados que devem ilustrar as qualidades diferenciais de cada um dos cinco actantes e que serão colhidos nos diferentes espaços literários (iugoslavo, italiano, canadense, polonês) mostrarão com bastante eloquência que a *Weltliteratur* está em formação constante, que permanece em equilíbrio instável e que não pode ser senão uma utopia funcional a serviço de uma visão do mundo unitária que a realidade tem certa dificuldade em confirmar. Tentar-se-á então identificar alguns fenômenos globais como incertezas identitárias, reinvestimentos identitários, proliferação de nacionalismos e ressurgência do marginal.

Repensar hoje a questão da literatura mundial exige a consciência de problemas cuja enumeração seria bastante fastidiosa, e até improdutiva, pois é cada vez mais difícil, e talvez impossível, hierarquizar todos os aspectos da criação literária, de sua recepção e de sua teorização. A bela época das teorias como o *formalismo*, o *New Criticism*, a *sociologia literária*, a *sociocrítica*, a *crítica marxista*, a *semiótica*, para mencionar apenas estas, passou. Todos esses movimentos críticos pareciam saber o que é a literatura. Hoje, pode-se, sem grande risco de erro, afirmar que as certezas epistemológicas flectiram consideravelmente. Graças a Bakhtin, compreendeu-se que o fato literário é fundamentalmente multivalente, dialógico, polifônico, e que ele se realiza através de uma interdiscursividade marcada de tensões ideológicas e axiológicas, bem como através de uma injunção dos contextos sociais, textuais e discursivos. Até a própria desconstrução se desconstruiu: entre um pós-modernismo triunfante e uma modernidade a ser reescrita, entre a resistência à teoria e as teorias fortes e ainda ativas, o campo problemático do literário esvaziou-se sistematicamente de certezas julgadoras. À força de desconstruir tudo e de pós-modernizar mais ou menos tudo, alguns críticos-filósofos, ou melhor, alguns filósofos-críticos efetuaram uma transferência impressionante de categorias e valores da área filosófica, hermenêutica ou sociológica para a área da literatura ou da teoria literária. Constata-se que as teorizações freqüentemente se substituíram ao texto. Abrir um caminho nesta *selva oscura* da teoria metateorizante é cada vez mais difícil e até mesmo arriscado.

Abordar nessa aura crítica a questão da *Weltliteratur* comporta um risco. Pode-se argumentar que a sabedoria de Goethe envelheceu; e, se,

⁵ BARTHELME, Donald: Conversations with Goethe. In: *40 Stories*. New York, London: Penguin Books, 1987. p. 67. As opiniões de Goethe, expressas sempre de modo metafórico, são de uma banalidade rebuscada; por exemplo: “A juventude, diz Goethe, é a manteiga de maçã untuosa no bom pão preto da possibilidade [*Youth, Goethe said, is the silky apple butter on the good brown bread of possibility*]; “A comida, diz Goethe, é a mais alta vela no candelabro dourado da existência” [*Food, said Goethe, is the topmost taper on the golden candelabrum of existence*].

⁶ BERNHARDT, Thomas. *Der Theatermacher*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1984. p. 87.

por outro lado, levarmos em conta o fato de que pós-modernistas zombaram abertamente daquilo que ele transmitia a Eckermann,⁵ deveremos proceder com cautela ao endossar a idéia de *Weltliteratur*. Parafraseemos sem malícia: “Tudo o que passou não é só semelhança, mas também muitos problemas” [*Alles Vergängliche ist nicht nur ein Gleichniss, sondern auch viele Probleme*].

Deve-se, portanto, em primeiro lugar, indagar o que quer dizer hoje a noção de literatura mundial. Deve-se, a seguir, ver como, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, se operou e se opera uma mutação de valores nos diferentes campos críticos e teóricos. Poder-se-á, finalmente, propor uma nova problematização dos cânones literários universais.

Ao ver a peça *Der Theatermacher* [*O Fazedor de Teatro*], de Thomas Bernhard, dei-me conta de que ela caricatura pateticamente a literatura mundial. Bruscon, o *Theatermacher*, obcecado pelo teatro e por sua própria grandeza, não hesita em estabelecer a classificação dos maiores homens do teatro. E isso dá uma lista de três pessoas: Shakespeare, Goethe e Bruscon. Esse mesmo louco pelo teatro deve apertar com força a mão de sua filha para que esta repita depois do pai: “O que é então teu pai?” [*Also was ist dein Vater?*]. SARAH (contrariada): “O maior ator de todos os tempos” [*Der grösste Schauspieler aller Zeiten*].⁶ Ao explicar essa estrutura em termos de parâmetros meus, pode-se admitir que o *marginal* e o *local* dependem muito de seu reconhecimento nacional, e que esse reconhecimento passa pelo veredicto e pela bênção do *institucional* antes de passar para o *universal*.

O corpo da literatura é imenso, mas inapreensível em sua totalidade. Como respira, como se desloca? Pode-se constatá-lo unicamente de modo metonímico, admitindo que o menor recanto do mundo reflete todas as escalas do jogo dos valores. A literatura é poliglota. Fala centenas, milhares de línguas. Nenhum Tirésias, nenhum Siro as compreenderá todas. Mas como é que várias dessas línguas são mundialmente compreendidas, escutadas, e forçam a tradução em escala de Torre de Babel? São essas operações translativas, que contribuem para a constituição do *corpus* mundial dos fatos literários, realizadas em nome de uma certeza absoluta dos valores respeitados, ou procedem de um ditame dos valores estabelecidos pela instituição do *universal* que está coligada com os valores de troca do mercado?

Começemos com o *local*, o *marginal* e o *nacional*. Voltemos à Iugoslávia dos anos 20. A Iugoslávia de então é inseparável, problemática-

mente inseparável da Croácia. A ação transcorre, aliás, antes na Croácia que na Iugoslávia, ou, para fazer justiça ao paradoxo iugoslavo, a ação transcorre ao mesmo tempo na Iugoslávia e na Croácia. Um grande escritor iugoslavo, porém croata, Miroslav Krleža, escreve em 1924 um texto fustigante que se intitula *A Mentira Literária Croata*. Krleža ataca a tradição literária croata que, segundo ele, se funda no “falso patos do romantismo ilírico”.⁷ Esse romantismo amaneirado soa-lhe como falsa literatura, uma literatura distanciada da vida e dos problemas da nação, do povo e da realidade quotidiana, e até mesmo da história da Croácia:

*Nossos pioneiros literários, diz Krleža, eram incapazes de avaliar de modo objetivo suas forças criadoras e de compreender sua missão cultural. Não ousavam confessar que nossa pretensa “tradição” se criou na prisão, nos postes, durante os combates, sob as bandeiras estrangeiras. Como tal, essa tradição nada mais era senão uma camuflagem diletante, fraca e fácil de ser denunciada.*⁸

Krleža ressalta que a arte e a literatura devem constituir uma síntese eficaz e convincente da realidade quotidiana. Nesse sentido, a literatura croata é um fracasso. Idealizadora, mentirosa, ela imita os modelos austro-húngaros, alemães ou italianos.

Krleža levanta então uma série de questões e formula postulados que nos permitem compreender melhor o que é, para ele, a literatura mundial. A condição *sine qua non* para aceder à universalidade é reconhecer sua própria identidade. Quem somos, nós, os croatas?, pergunta Krleža. Somos esnobes modelados sobre os grã-finos dos salões austro-húngaros e berlinenses depravados? Ou antes, “somos uma jovem raça campesina dos Bálcãs que, havendo saído das ruínas da história, segue agora sua própria estrada rumo à libertação e ao progresso”?⁹

Para Krleža, o problema da literatura mundial coloca-se de forma complexa, mas a situação política da Iugoslávia e da Croácia, tal como ele a analisa, deita luz sobre a dialética do reconhecimento que esboçamos entre o *local*, o *nacional*, o *marginal* e o *universal*. Krleža definiria o *local* como a vivência do real histórico e presente da comunidade croata. E essa vivência foi impedida, de um lado, pelos nacionalistas e, de outro, pelos literatos imitadores. A nação, constata Krleža, é a “catástrofe de todos os velhos valores”.¹⁰ É também a consciência de que nosso futuro histórico e

⁷ Cito conforme a tradução polonesa do estudo de Krleža *Chorwackie kłamstwo literarne* [A mentira literária croata]. In: KRLEZA, Miroslav. *Dzienniki i eseje*. Tradução e seleção de Jan Wierzbicki. Łódź: Wydawnictwo Łódzkie, 1984. p. 138.

⁸ *Ibid.*, p. 138.

⁹ *Ibid.*, p. 142.

¹⁰ *Ibid.*, p. 147.

social deve ser fundado em bases sólidas. A identidade croata enquanto identidade local e marginal deve ser submetida ao imperativo do *universal*, que, para a Croácia, passa pela Iugoslávia federada e, a seguir, por uma forma de pan-eslavismo. Krleza desenha este como ideal de uma comunidade em que poderiam encontrar-se todos os eslavos. A via da literatura seria menos o reinvestimento identitário do *local* e do *marginal* que a superação do nacionalismo. A obra literária ideal saberia tirar vantagem dessa imbricação entre elementos históricos e geopolíticos determinados, que ela transformaria em um idioma universal.

O próprio Krleza escreveu uma obra assim: *As Baladas de Petrica Kerempuh* [1936]. É o paradigma único de uma obra que tende para a universalidade. Ela se arrima no *local*, no *nacional* e no *marginal*, que ela transforma, temática e formalmente, em uma linguagem universal. Nas *Baladas de Petrica Kerempuh*, Krleza utiliza o caicaviano, língua falada no noroeste da Croácia, sendo as duas outras línguas faladas e escritas na Croácia o chtocaviano, falado na maior parte do território croata, e o tchacaviano, falado na Ístria, em parte da costa dálmata e nas ilhas do Adriático.

Em 1836, Ljudevit Gaj, líder do movimento ilírico, “decide sacrificar o futuro do caicaviano em prol do chtocaviano”.¹¹ Nas *Baladas de Petrica Kerempuh*, Krleza opta pelo caicaviano porque essa língua é a “do croata oprimido e, além disso, a do homem esmagado e revoltado”.¹² Kerempuh, que fala essa língua nas baladas de Krleza, é a conhecidíssima figura da lenda popular, bem como um avatar do próprio Krleza, ora o poeta, ora um dos infelizes dos quais ele fala. Clérigo de profissão, homem revoltado e condenado, Kerempuh é um símbolo da revolta popular, cuja história representa alegoricamente a do povo croata. Como observa Janine Matillon, tradutora francesa das *Baladas*, “o que Kerempuh tem de particular é que ele toma a palavra *in A. D. 1570*, que a mantém *in A. D. 1779* e que ainda a tem nos séculos XIX e XX”.¹³ E Janine Matillon nota: “Homem de sempre, Kerempuh só pode falar uma língua situada fora do tempo. Sua língua é a do homem oprimido, torturado, assassinado no decurso dos séculos pelos príncipes deste mundo, quem quer que sejam. É a língua da revolta mundial, e seria um erro explicá-la por uma particularidade histórica”.¹⁴

O tom, o sistema de imagens e metáforas fazem com que dominem, nas *Baladas de Petrica Kerempuh*, acentos de “desespero bíblico: não é um conto campesino; é, ao mesmo tempo, o *Livro de Jó* e o *Apocalipse*. A cada instante, passa-se da balada para o salmo”.¹⁵

¹¹ Cf. MATILLON, Janine. *Les Ballades de Petrica Kerempuh*, de Miroslav Krleža, et leur adaptation en langue française. In : KRZELA, Miroslav. *Littérature, politique, histoire*. Zagreb: Le pont/The Bridge 36, 37, 38, 1973. p. 229-230.

¹² *Ibid.*

¹³ *Ibid.*

¹⁴ *Ibid.*

¹⁵ *Ibid.*, p. 229.

Assim definida, a especificidade das *Baladas de Petrica Kerempuh* remete a modelos universais, a arquétipos e a prototextos que constituem referências interpretativas sem dúvida justas, sem anular, no entanto, o *local* e o *marginal* que estão na origem do processo de Krleza. Esse processo chamou nossa atenção, bem como seu discurso crítico, pois adquirem hoje valor de símbolo. A Iugoslávia exaltada por Krleza não existe mais. Lá, os nacionalismos triunfaram provisoriamente, e parece estar ultrapassada a perspectiva de Krleza, pelos menos naquele recanto do mundo. Através de seu processo criador, bem como através do que ele critica sem concessão nenhuma na falsa literatura croata, por ele denunciada, Krleza antecipa-se à narrativa de valores do século XIX e confirma o que nele se produz já nos anos 20.

Se no século XX a imagem da literatura mundial se turva, é porque o *universal* se define cada vez mais dificilmente e porque o surgimento de um certo número de fenômenos políticos, históricos, socioculturais e literários torna cada vez mais complexa a dialética do reconhecimento com cinco actantes.

Deve-se admitir que, *grosso modo*, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, desde o momento em que se instalou a tão profunda crise do Estado-Nação e do Estado-Federação, desde o advento do nomadismo moderno que se constituiu em fenômeno planetário e em resultado do empobrecimento vertiginoso de uns e do enriquecimento de outros, resultado das múltiplas guerras locais e não tão locais, dos golpes militares e das ditaduras, deve-se admitir que o *local* e o *marginal* forcem o *nacional*, o *institucional* e, portanto, também o *universal* a agir. Com isso, o *universal* tem dificuldade para reencontrar-se em uma unicidade de estruturas temáticas ou formais que pareciam evidentes para Goethe, mas que são indicíveis hoje. Sendo-me impossível fazer análises detalhadas, tratarei acima de tudo de ressaltar alguns problemas que tornam cada vez mais complexa a questão da *Weltliteratur*.

Começamos pela ressurgência do *marginal*. O nomadismo e sobretudo suas causas, tais como as defini, não permitem mais considerar a maioria das literaturas ditas nacionais como unidades homogêneas, estáveis, com parâmetros fixos. Se, em certos países, este é ainda o caso, é preciso indagar-se sobre a boa-fé dos críticos e dos historiadores da literatura, bem como sobre a onipotência do *institucional*. Reconheçamos no *institucional* componentes tais como um “conjunto de normas que se apli-

¹⁶ DUBOIS, Jacques. *L'institution de la littérature. Introduction à une sociologie*. Bruxelles: Bernard Nathan, Labor, 1978. p. 31 e 33.

¹⁷ *Ibid.*, p. 130.

cam a uma área de atividades particular e que definem uma legitimidade que se expressa por uma carta ou um código”, bem como a “dominação” ou a “subordinação ideológica”.¹⁶

O *marginal* é aquele que não tem o reconhecimento do centro. Isto é, do próprio *institucional*. É o *institucional* que exclui o *marginal* do “campo de legitimidade” e que o “isola [...] no interior desse campo”.¹⁷ O centro dispõe de todos os meios institucionais “legitimamente” empregados: editoras, críticos, revistas, jornais, televisão, rádio, publicidade direta, prêmios literários e outros. Se um escritor passou por essa rede, pode-se apostar que ele terá tido sucesso, e que lhe será difícil deixar essa cena, se for mais ou menos disciplinado e se fornecer a mercadoria de maneira suficientemente sistemática. Nesse nível, ainda não se coloca o problema do *universal*. O Prêmio Nobel vem a seu tempo.

O *marginal* é freqüentemente aquele que não nasceu na língua do país em que ele ou seus ancestrais se instalaram. O *marginal* é, pois, aquele que não teve a sorte de passar por essa rede, que provisoriamente se denominará manipulativa. Talvez chegue sua hora, mas, por enquanto, ele permanecerá o que é aos olhos cegos do *institucional*, que aceita muitas vezes que o comercial lhe dite suas condições. E então, os valores se relativizam.

A antimarginalidade de Umberto Eco eclipsa dezenas de fenômenos literários marginais na Itália que, provavelmente, jamais se manifestarão e que, por conseguinte, não serão reconhecidos pelo centro. A promoção da antimarginalidade do autor do *Pêndulo de Foucault*¹⁸ é digna de interesse para quem quer que se interesse pelo problema da *Weltliteratur*. No momento em que deve ser publicado *O Pêndulo de Foucault*, vemos multiplicarem-se na imprensa italiana e estrangeira artigos, entrevistas, fotos que condicionam a recepção desse romance. O implícito desse condicionamento é que o valor de uso e o valor de troca do livro são grandes. Prepara-se a entrada em circulação do romance como uma vitualha incontornável. Nenhum Carlo Emilio Gadda, nenhum Italo Calvino foi beneficiado com semelhante condicionamento, com semelhante mensagem publicitária da consciência do leitor potencial.

Vejamos os fatos mais de perto: *L'Espresso*, em 9 de outubro de 1988, dedica 20 páginas de fotos a *Ecofenomeno*. Trata-se de uma “viagem com o autor pelos lugares do romance”.¹⁹ No mesmo número, o “grande historiador” [*grande storico*] Jacques Le Goff constata: “O diabo? É

¹⁸ ECO, Umberto. *O pêndulo de Foucault*. Trad. de Ivo Barros. Rio de Janeiro: Record, 1989.

¹⁹ *L'Espresso*, n. 40, 9 out. 1988, capa.

ele, Eco”.²⁰ Em 11 de fevereiro de 1990, é o semanário francês *Le Point* que publica, na primeira capa, uma grande foto do autor do *Pêndulo*, com o título: “O MÁGICO DE 40 MILHÕES DE LEITORES. Com *O Nome da Rosa*, e agora com *O Pêndulo de Foucault*, esse universitário tornou-se o homem de saber mais conhecido do planeta. Retrato de um professor de semiótica grande mestre do bestseller”.²¹

Os sucessos comerciais excepcionais dos romances de Umberto Eco ensinam-nos que a potência e a força de choque do *institucional* não conhecem limites. Por esse motivo, coloca-se, com os dois romances, o problema da *Weltliteratur* de hoje. Em que medida os valores que os dois romances e seus sucessos estão promovendo são “mundiais” hoje? E o que recobre exatamente esse termo? Em virtude de seu sucesso internacional, os romances de Eco entram necessariamente no cânone da literatura mundial?

Em certos países que acolheram nômades e refugiados, o *marginal* desejaria fazer-se reconhecer pelo centro. A comunidade albanesa da Itália faz-se descobrir por escritores tais como Carmine Abate, cujo romance *Il Ballo Tondo*²² conta a história de Hora, uma comunidade dita *arbërese*, uma ilha da cultura albanesa na Itália que faz questão de salvaguardar sua identidade, a despeito do mundo que muda ao seu redor. Um rico quadro daquele universo complexo, repleto de mitos e lendas, constitui esse romance italiano. No entanto, sua temática o condena à marginalidade. É que, embora seja ítalo-albanês ou albano-italiano, Carmine Abate também é um *germanese*. Os *germanesi*²³ são italianos que emigraram da Calábria para a Alemanha. Eles sofrem uma dupla alienação. Na Alemanha, são marginais porque vêm de alhures. De volta à Itália, desconfia-se deles, visto que na Alemanha mudaram. Afastaram-se demais de sua terra natal. Sua identidade é incerta, incompleta, flutuante, problemática. Antes mesmo de gravitar em torno do centro, os criadores *germanesi* devem fazer-se reconhecer por uma instância institucional qualquer. A dialética desse reconhecimento requer que se levem em consideração suas obras. É o primeiro passo rumo ao *global* e ao *institucional* que gera o *universal*, de acordo com as modalidades que definimos.

Deve a temática da obra de Abate, bem como aquela através da qual se representam os *germanesi*, obstar à universalidade de uma literatura institucionalmente não-reconhecida, portanto marginal, mas que, *de facto*, ultrapassa, e em muito, por sua qualidade literária e sua profundidade antropológica, certos romances que já adquiriram o reconhecimento do

²⁰ *Il parere di un grande storico. IL DIAVOLO? È LUI, ECO. Ibid.*, p. 108.

²¹ *Le Point*, n. 907, 11 fev. 1990, capa.

²² ABATE, Carmine. *Il ballo tondo*. Genova: Marietti, 1991.

²³ ABATE, C. & BEHRMANN M. *I Germanesi. Storia e vita di una comunità calabrese e dei suoi emigranti*. Cosenza: Pellegrini, 1986.

institucional? Coloca-se o mesmo problema para certos escritores marginais na Alemanha, aqueles que pertencem à comunidade turca, por exemplo, mas que escrevem em alemão. Qual é seu estatuto de vinculação e de reconhecimento institucional?

No Canadá, os escritores latino-americanos, em particular os chilenos ou os ítalo-canadenses, podem utilizar institucionalmente os recursos do Ministério do “Multiculturalismo”. Dir-se-lhes-á que pertencem a diferentes “comunidades culturais”. E assim o *institucional* terá, *ipso facto*, rejeitado para a margem de seu espaço obras que, de fato, não têm nada a invejar ao que foi institucionalizado em virtude da ideologia dominante que normatiza todos os usos intelectuais e artísticos. O mesmo fenômeno ocorre com romancistas e poetas franco-manitobenses, cujo reconhecimento pelo centro ou não se fez, ou tardou consideravelmente. Essas são as paradas da institucionalização da marginalidade que se estalebeceu com força neste país, onde é melhor vir ao mundo em Toronto do que em Winnipeg, em Montreal do que em Fredericton. Esse não-reconhecimento do *marginal* pelo centro está ligado à primazia dos valores ideológicos que impedem evidenciar as qualidades diferenciais dos escritores marginais. A ideologia “dos dois povos fundadores”, francês e inglês, faz com que o centro de gravidade do *institucional* se desloque das diferentes províncias canadenses para o Quebec e para o Ontario e se fixe em cidades como Montreal, Quebec e Toronto. Assim, apesar da “boa vontade” do governo central, os marginais institucionalizados são condenados a viver e a criar, *de facto*, em uma espécie de gueto, visto não poderem entrar no cânone da literatura canadense. Esta última é incapaz de reconhecer que ela possa ser escrita em várias línguas, através de temáticas e de formas diversas: a ideologia nacionalista dos dois povos fundadores da literatura canadense não o toleraria. De qualquer modo, os escritores marginais do Canadá, marginais devido à sua situação identitária ou devido à sua posição geopolítica, por assim dizer, já desestabilizaram consideravelmente a imagem harmoniosa dos blocos hegemônicos da literatura canadense. Esta tem certa dificuldade em definir-se claramente ou redefinir-se em função dos novos dados que investem a criação de complexidades identitárias e fazem ir pelos ares as certezas nacionalistas.

Para as literaturas nacionais, e particularmente as dos países ex-comunistas, a recanonização dos repertórios literários nacionais é um fato impressionante. Tomarei como exemplo a recente tentativa de constituir

um novo cânone da literatura polonesa do século XX. O que impressiona nessa tentativa é a entrada no cânone de alguns escritores ainda vivos, ou mortos antes de 1945, e que assumiram repensar a cultura polonesa, revisar os valores nacionais ou nacionalistas. O novo cânone²⁴ proposto por certos críticos, teóricos, professores, mas também pelos leitores bem-avisados, engloba escritores como Witold Gombrowicz, crítico implacável da ideologia nacional, romântica e pequeno-burguesa. No mesmo cânone entram também Stanislaw Ignacy Witkiewicz, escritor parodista e catastrofista, e Czeslaw Milosz, Prêmio Nobel de Literatura (1980), emigrado, poeta de síntese, os quais relativizam as atitudes trágico-romântico-nacionais. Entra igualmente nesse cânone renovado Gustaw Herling-Grudziński, escritor emigrado, ou melhor, exilado, ex-prisioneiro dos campos de concentração stalinistas. Sua obra principal, *Diário Escrito à Noite*²⁵, é uma reflexão intelectual a respeito do mal número um do século: os totalitarismos.

Globalmente falando, o novo cânone polonês “desromantiza” a literatura polonesa, tradicionalmente patriótica e trágica, e abandona o discurso sobre a nação polonesa. Trata-se antes de uma comunidade de pessoas que falam a língua polonesa e que, tendo sido tragicamente provadas pela Segunda Guerra Mundial, tentam compreender sua tragédia.

Nessa dialética do reconhecimento, a narrativa de valores pressupõe mecanismos que relegam ao segundo plano o *local* e o *marginal*. Esses mecanismos tornam complexa a questão da *Weltliteratur*, cujo espaço deveria alargar-se para acolher obras que, sem haver obtido as marcas do reconhecimento oficial, nem por isso são menos dignas de pertencer a seu cânone móvel e problemático.

“Agora desaparece o bidê” [*Jetzt verschwindet das Bidet*]: com essa constatação objetiva, Umberto Eco, *líder de opinião*, prevê a mundialização dos franceses. O bidê desaparece como símbolo das mudanças planetárias. Isso faz pensar sobre a literatura mundial como nova opção de valores. Simbolicamente então, a mundialização pressupõe o apagamento do *nacional* e do *local*. Contudo, pode-se confiar nos franceses, no chauvinismo dos franceses. Estes não deixarão de substituir o bidê por outro objeto prático.

Quando, em 31 de janeiro de 1827, Goethe comunicava a Eckermann o ideal da *Weltliteratur*, ele avançava que o modelo grego era intransponível, pois, nas obras dos antigos gregos, a beleza do homem era representada (“*sondern im Bedürfnis von etwas Musterhaften müssen wir immer zu*

²⁴ Kanon literatury polskiej XX wieku [Cânone da literatura polonesa do século XX]. *Polityka*, n. 11 (13 mar. 1993) e n. 24 (12 jun. 1993).

²⁵ Obra não traduzida em português. Existe, contudo, uma tradução em francês realizada por Thérèse Douchy: *Journal écrit la nuit*. Paris: L'Arpenteur. 1989. Essa tradução apresenta uma coletânea dos diários do autor, publicados em polonês sob os títulos de *Dziennik pisany noca 1971-1972*, *Dzienny pisany noca 1973-1979* e *Dziennik pisany noca 1980-1983*. Paris: Institut Littéraire. 1973, 1980 e 1984, respectivamente. Posteriormente, foram publicados dois outros volumes: *Dziennik pisany noca 1984-1985*. Paris: Institut Littéraire, 1989; e *Dziennik pisany noca 1989-1992*. Warszawa: Czytelnik, 1993.

²⁶ ECKERMANN, Johann Peter. *Gespräche mit Goethe in den letzten Jahren seines Lebens*. Wiesbaden: F. A. Brockhaus, 1959. p. 174.

den alten Griechen zurückgehen, in deren Werken stets der schöne Mensch dargestellt ist).²⁶ As poucas últimas décadas de nosso século revelaram, porém, que “o ideal grego” é uma matriz temática cujas paradas discursivas se devem relativizar e dialetizar no contexto dos fenômenos globais que perturbam a dialética do reconhecimento. Cada vez mais intertextual e interdiscursiva, a literatura do século XX investiu “o ideal grego” com momentos dialéticos que, nas obras de James Joyce, Thomas Mann, Eugene O’Neill, Alfred Döblin, Hermann Broch, João Guimarães Rosa, Augusto Roa-Bastos e, recentemente, nos textos dramáticos de Heiner Müller, por exemplo, modificam as visões do mundo fundadas na função hermenêutica, explicativa do mito.

Assim como o projeto kantiano da emancipação da humanidade, que não deixa de ser hoje problemático, o projeto de Goethe deve ser repensado e recontextualizado. A narrativa de valores desenrola-se, repitamos, numa tensão permanente entre o *marginal*, o *local*, o *nacional*, o *institucional* e o *universal*. A incerteza generalizada dos valores que se renovam e se reformulam de acordo com a dialética do reconhecimento repõe em questão as obras promovidas pelo *institucional*. Estas são enfocadas através de obras ou atitudes criadoras polemicamente orientadas. Com isso, o espaço da literatura mundial se desestabiliza, mas ao mesmo tempo se abre a valores que correspondem às convicções axiológicas de comunidades que querem aceder ao *universal*. Assim sendo, não será a *Weltliteratur* uma realidade aberta e potencial, um espaço discursivo onde a narrativa de valores se escreve sob a pressão e pela interação de novos actantes? Nem postulado ético-pragmático necessário, nem prática estética de evidência, a literatura mundial define-se antes pela heterogeneidade de suas obras, das línguas que ela fala e das paixões que a sustentam neste fim de século.